

Ocupação pré-colonial do oeste catarinense*

*Hilda Beatriz Dmitruk ***

Introdução

Duas razões principais nortearam esta revisão bibliográfica, realizada no final dos anos 80. Em primeiro lugar, a tentativa de levantar dados que permitissem esboçar um quadro do início da ocupação humana na região oestina. Esta tarefa impôs, como requisito prévio, contextualizar a Pré-história e a Arqueologia regional, dentro do panorama mundial e nacional. Neste empreendimento, uma das dificuldades mais sérias encontradas foram as fontes heterogêneas, controvertidas, incompletas ou pouco atualizadas que, tornam sempre provisórios os esforços de síntese

A pesquisa arqueológica tem, em linhas gerais progredido pouco. No Brasil faltam recursos financeiros e humanos que possibilitem os estudos sistemáticos. O panorama da arqueologia pré-colonial brasileira registra, na desoladora maioria dos casos, " trabalhos de salvação do material arqueológico" (BECK,1968, p.77). Neste contexto, a situação no Estado catarinense revela-se similar, com destaque aos estudos do Prof. Walter Piazza, da prof^a. Annamaria Beck e do Pe. Rohr. Em nível estritamente regional, cabe ressaltar as pesquisas efetuadas pela ELETROSUL que, em função do Projeto Uruguai, de construção de barragens, conveniou uma equipe de antropólogos da UFSC, para, entre outros objetivos, desenvolver pesquisas arqueológicas na Bacia do rio Uruguai.

As conclusões dos primeiros relatórios, fruto desse convênio, e os dados das pesquisas arqueológicas realizadas até o início dos

anos 90, especialmente as de Rohr e Goulart, oferecem dados interessantes a respeito dos primeiros povoadores, que precisam ser conhecidos para evidenciar as culturas que ocuparam a região antes da conquista européia.

Esta primeira razão ainda está intimamente relacionada com um dos objetivos do Centro de Memória Sócio-Cultural - CEOM, que é de possibilitar o aproveitamento, em nível escolar e extra-escolar das fontes e estudos que permitem retratar o processo histórico regional.

A segunda motivação decorre da preocupação pela falta de consciência, que se constata em relação ao imenso valor histórico que encerram os sítios arqueológicos regionais (os já mapeados e os por mapear) e a intenção de divulgá-los para contribuir com sua própria preservação (ver apêndice 01). Por outra parte, cientes de que a terminologia específica, aqui utilizada, dificultaria a compreensão do leitor, incluiu-se, no final, um glossário (ver apêndice 02) dos termos *negritados*.

Pré-história arqueologia e história pré-colonial = conceituações

Uma primeira consideração necessária refere-se à artificial e polêmica divisão que se costuma fazer entre História e *Pré-história*, visto que o processo histórico, como um todo, constitui-se no objeto de estudo tanto da história como da da Arqueologia.

Em segundo lugar, pode-se dizer também que a palavra “pré-história” dá margem a confusões, uma vez que designa tanto um período da humanidade – o anterior à história, baseado em textos – como também uma ciência que tem, como objetivo, o conhecimento das épocas pré-históricas; como problema, a reconstituição das etapas da humanidade pré-histórica; e como método, a *Arqueologia*, a *Antropologia* e a *Paleontologia* (LAMING-EMPERAIRE, 1968). O termo Pré-história, no Brasil se aplica para referir-se ao período anterior à presença européia na América. Mais recentemente,

arqueólogos e historiadores, adotaram o conceito Pré-colonial que, considera como marco divisor da história das sociedades ameríndias: a conquista e colonização do continente.

Tanto a Pré-história como a Arqueologia se constituem-se num campo do saber histórico, pois encetam o conhecimento do passado humano, onde cessam os registros escritos. História, Pré-história, Antropologia e Arqueologia complementam a reconstrução das sociedades humanas, diferindo quanto à época abordada, às fontes documentais e aos métodos e técnicas da reconstrução adotados. Essas ciências, procuram visualizar os modos de vida de sociedades que viveram (ou vivem) em espaços e épocas diferentes, tentando explicar os processos de transformação e permanência cultural.

No presente trabalho, parte-se do pressuposto de que a pesquisa arqueológica catarinense procura apontar quais são as culturas arqueológicas e históricas do estado, identificando os grupos humanos que o habitaram antes e depois da chegada dos europeus. Também objetiva evidenciar o conteúdo de suas *culturas*, suas origens, distribuição e relações com outras populações no tempo e no espaço.

Mesmo, com todas as limitações que enfrentam as pesquisas arqueológicas regionais, a partir dos dados bibliográficos disponíveis, procuramos dar resposta a algumas dessas interrogações.

A evolução humana

A evolução do homem, através dos tempos, foi lenta. Milhões e milhões de anos se passaram até que, em decorrência de uma série de *mutações* na escala animal, surgiram os primitivos antropóides. Embora os dados fósseis até agora sejam insuficientes, não se duvida mais que o homem tenha evoluído de um ancestral comum aos antigos primatas. A questão que se mantém pendente é a de quais foram os fatores determinantes na transformação de um grupo de antropóides em hominídeos.

Engels ofereceu uma explicação científica do fenômeno de hominização, argumentando que o fator principal neste processo foi o trabalho: “o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS apud DIAKOV; KOVALEV, 1985, p. 22). Pela fabricação intencional dos instrumentos, os membros anteriores diferenciaram-se dos membros posteriores, desenvolvem-se as mãos, consolida-se a necessidade de caminhar ereto, ao passo que se favorece o desenvolvimento da laringe e das cordas vocais e o aumento do volume do cérebro. Segundo Diakov e Kovalev (1985, p. 23), “o estudo de ossadas de homens fósseis mostra que a diferenciação dos membros precede a evolução do crânio, o que confirma claramente a idéia de Engels sobre o papel do trabalho no aparecimento do homem”.

Atualmente, existem modelos alternativos para explicar o fenômeno de hominização. Alguns deles abandonam a tese da necessidade da fabricação de instrumentos como determinante de postura ereta, associando-a a “aspectos do comportamento sócio-sexual e a fatores demográficos” (CIÊNCIA HOJE, 1998, p. 49). De tal sorte que se invoca, como uma das hipóteses, a aptidão estratégica de maior relacionamento sexual desenvolvida pelas fêmeas, o que atraiu os machos junto a elas e sua prole. “A necessidade de carregar alimentos com as mãos para dividi-los com os parentes diretos é que teria tomado a postura bípede adaptativa, há cerca de cinco milhões de anos”. Em verdade, é difícil conseguir provas a respeito das causas seletivas específicas que provocaram o processo de diferenciação biológica. Admite-se, no entanto, que a postura ereta foi adquirida muito antes da fabricação de instrumentos.

Por outro, graças aos estudos paleontológicos, presume-se que os hominídeos mais antigos pertencem ao gênero *Australopithecus*, descobertos pela primeira vez por Dart em 1924, na África (com uma antiguidade de mais ou menos 1,6 milhões de anos). Estes pré-hominídeos teriam surgido há cerca de cinco milhões de anos, no Pleistoceno, a partir dos macacos ou antropóides (CIÊNCIA HOJE, 1985). Fósseis destes precursores da espécie humana também têm sido encontrados na Ásia (Java e China) mais recentemente, ultra-

passando os 900 mil anos; junto aos seus restos acharam “os mais antigos artefatos líticos conhecidos” (MENDES, 1977, p. 285). Este tipo perdurou até o aparecimento do *Homo erectus*, na África, pertencente já ao gênero *Homo*. A primeira descoberta desta espécie extinta de *H. erectus* data de 1892, quando Eugene Dubois achou seus restos em Java (Ásia). O “homem de Pekim”, descoberto na China, em 1927, por Davdison Black, é, atualmente, considerado um subespécie de *H. erectus*. Esta espécie fabricou artefatos líticos mais bem elaborados e conhecia o uso do fogo; presume-se que o descobrimento do fogo date de mais de 400 mil anos.

O chamado “Homem de Neanderthal” (Rep. Fed. Da Alemanha) é posterior, com uma antigüidade de 120 mil anos. A tendência, em paleontologia, é considerá-lo uma subespécie do *Homo sapiens*. Existiu durante quase 100 mil anos, distribuiu-se pela Europa e Oriente próximo e extinguiu-se há cerca de 30 mil anos (CIÊNCIA HOJE, 1988). Nessa época, começaram a surgir homens idênticos aos atuais. Seus vestígios são classificados como *Homo sapiens sapiens* e imputados a variedades extintas como as de Cro-Magnon, Chancelade e Grimaldi. Estas variedades representariam o protótipo dos três grandes grupos raciais conhecidos: os brancos, os asiáticos e os negros, respectivamente (MARCONI & PRESOTTO, 1985).

No fenômeno da humanização, a maioria dos paleontólogos aceitava a descendência vertical: **Austra-loplithecus – Homo erectus**(Pitecantropus, Homem de Java, Homem de Pekim) **Homo sapiens**. (homem de Neanderthal) – **Homo sapiens sapiens** (Cro-Magnon – Chancelade – Grimaldi).

O *Homo sapiens* tinha uma tecnologia avançada, desenvolveu a arte rupestre (pinturas coloridas nas cavernas) e a indústria de lascas. Quando as glaciações terminam, os homens transformam-se em coletores e caçadores de animais de médio e pequeno porte.

Assim sendo, o homem atual (*H. sapiens sapiens*) deve ter uma existência de aproximadamente 120 mil anos. O berço da humanidade foi a África, onde surgiu o *H. erectus*. Porém, como alguns insistem em especular que, “esse berço possui rodas”, e que

investigações futuras permitirão encontrar formas ancestrais mais antigas (que as achadas na África), em outros continentes. Embora, os estudos de DNA confirmem que nós todos, viemos de lá.

Retrospectiva paleontológica

Os métodos de datação radiométricos calculam a idade geológica da terra em mais ou menos 4,5 milhões de anos, possibilitando dividir o tempo geológico e correlacioná-lo com o aparecimento do homem, como pode ser observado a seguir:

| RETROSPECTIVA PALEONTOLÓGICA (desde os antigos primatas) | | | | |
|--|---|-----------------------------------|---------------------------|------------------------|
| ERAS | PERÍODOS (duração em milhões de anos) | ÉPOCAS GEOLÓGICAS | ÉPOCAS CULTURAIS | HOMO |
| | | Holoceno (10.000 anos ou recente) | Neolítico | Homem |
| Cenozóica (63) "vida nova" | Quaternário (2,5) | Pleistoceno (1) | Mesolítico Paleolít. Sup. | Homo sapiens sapiens |
| | | | Paleolít. Med. | Homo sapiens |
| | | | Paleolít. Inf. | Homo erectus |
| Terciária (60,5) | Plioceno (10,5) Mioceno (12) Oligoceno (11) Eoceno (22) Paleoceno (5) | | | Macacos Antropóides |

Adaptação: Mendes (1977) e Marconi; Pressotto (1985)

Estágios culturais da evolução humana

No período Quaternário, a época Pleistocênica testemunhou a evolução física e cultural do homem (evolução bio-cultural da humanidade).

O desenvolvimento cultural pode ser avaliado pela presença de utensílios (artefatos) manufaturados, associados a numerosas evidências fósseis. As provas concretas da crescente complexibilidade cultural pertencem ao Paleolítico Médio e Superior. O inferior corresponde (Paleo: antiga; lítico: pedra) ao

Mesolítico (meso: média; lítico: pedra) e ao Neolítico (pedra nova, polida).

Estas idades culturais, tomam por base classificações europeias e, podem ser caracterizadas, sumariamente, da seguinte forma:

a) *Paleolítica*: (de 1 milhão a 150.000 anos) Divide-se em Inferior, Médio e Superior. O *inferior* corresponde aos primeiros hominídeos (Australo-pithecus e Homo erectus). Sua indústria lítica era bem rudimentar, eram predadores da natureza, coletavam vegetais e caçavam animais. O *paleolítico médio* (de 150.000 a 40.000 anos) corresponde a presença do Homo sapiens na Europa. Este homem vivia da coleta e da caça, porém a sua tecnologia era bem mais aperfeiçoada (bifacial – pedra lascada dos dois lados), morava em cavernas, praticando o sepultamento de seus mortos. O *Paleolítico Superior* (de 40.000 a 12.000 anos) representa um salto de qualidade significativa no desenvolvimento cultural humano. O homem deste período é o sapiens sapiens. Seus instrumentos derivam de técnicas mais complexas (artefatos de sílex e de osso). Surgem as primeiras manifestações artísticas (pintura rupestre, esculturas e modelagem) e religiosas, propriamente ditas;

b) *Mesolítica*: (12.000 a 10.000 anos) Período intermediário em que o homem se prepara para a passagem de predador a produtor de alimentos. Conheciam o arco e a flecha, o anzol, o arpão, a rede, a roda e a canoa. Em algumas regiões, o homem deste período construiu as palafitas (casas sobre estacas em cima de lagos);

c) *Neolítica*: (10.000 a.C.) Esta época corresponde ao Holoceno ou Recente, estende-se até chamada a Proto-história Européia ou Idade dos Metais (mais ou menos 4.500 a.C.). Caracterização e formação de grandes aldeias. Inauguram-se novas técnicas de confecção dos instrumentos líticos através do polimento e da decoração. Neste período, há 7 ou 8 mil anos a.C., aparece a cerâmica. (MARCONI; PRESOTTO, 1985)

O esquema tradicional de classificação dos estágios culturais da humanidade, acima sintetizado, baseia-se na matéria-prima

empregada na fabricação dos utensílios ou nas tradições técnicas desde as perspectivas pré-históricas.

Cabe reiterar o que, oportunamente, levantou o arqueólogo francês Laming Emperaire (1968): é “absurdo”, no atual nível de conhecimento, que a pré-história européia continue sendo tomada como representante do conjunto mundial. Por essas razões, devemos registrar que existem esquemas mais completos, cujo ponto de referência específico são as copiosas informações etnográficas e arqueológicas obtidas dos primitivos povos da América.

Esquemas conceituais mais bem formulados, na medida em que partem das especificidades americanas, aparecem em trabalhos pouco conhecidos. Merece destaque aqui o esforço realizado pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, do qual falar-se-á mais adiante, ao abordar as problemáticas das civilizações americanas.

O homem fóssil americano

É consensual hoje, entre os estudiosos, considerar como realmente improvável que o homem tenha-se originado na América. Os restos humanos mais antigos, até o presente conhecidos, são referenciados ao *Homo sapiens* (MENDES, 1977) e a datação pelo carbono 14 indica que a presença do homem aqui é mais recente que nos outros continentes (BORGES, 1968; CANALS FRAU, 1973; MENDES, 1977; GUEGLIELMO, 1991).

Os fósseis humanos achados não pertencem somente a tipo de homem “moderno”. Existiram homens paleolíticos na América: neste ponto existe acordo entre os autores. A pré-história paleolítica americana ainda é pouco conhecida. Mesmo sem ter, até o momento, provas conclusivas nos EUA, considera-se que a existência do homem americano é de cerca de 40.000 anos na América do Norte (Lewisville, Texas) e de 16.000 anos na América do Sul, em Muaco, Venezuela (ver mapa 01).

No Brasil, o sítio arqueológico mais antigo registrado (14.000 anos) era a jazida do município de Rio Claro, em São Paulo (MENDES, 1977). Nos primeiros anos da década de 80, efetuou-se uma impor-

tante descoberta em São Raimundo Nonato, Piauí, que faria recuar esta data a 35 mil anos, porém, em ambos os casos, não foram encontradas ossadas humanas. Escavações mais recentes (1987), realizadas na Bahia pela equipe da arqueóloga Maria da Conceição Beltrão, embasam sua hipótese de que o homem habitou a América milhares de anos atrás, primeiro na região amazônica, para depois alcançar os Andes. Nas grutas dessa importante área, encontram-se vestígios de fauna extinta e de fogueiras. A arqueóloga espera ainda descobrir, ossadas humanas que comprovem que o homem pré-histórico habitava a região há mais de 300 mil anos (Perspectivas Universitárias, 1987; CIÊNCIA HOJE, 1988). Ainda, Outra hipótese intrigante é o de Walter Neves que defende a existência, no Brasil, de grupos não-mongólicos, anteriores aos de origem mongólico. “Essas descobertas recentes obrigarão os cientistas a rever toda a reconstituição da pré-história americana” (GUEGLIERMO, 1991, p.49).

As últimas descobertas renovam o interesse, inclusive em nível internacional, pela pré-história brasileira e abrem novas polêmicas em torno da idade do homem fóssil americano.

Não obstante isso, os testemunhos fósseis do homem no Brasil, até o momento aceitos incontestavelmente, continuam são os vestígios do chamado homem de Lagoa Santa (Minas Gerais), descobertos em 1840, por Peter G. Lund. Suas ossadas, associadas a artefatos, datam aproximadamente de 10 mil anos. Mendes (1977) e Marconi; Pressotto (1985) assinalam que os esqueletos humanos pré-históricos do Brasil são todos pertencentes ao Holoceno ou Recente e procedem das grutas da região de Lagoa Santa ou do “sambaquis” do litoral brasileiro.

A antiguidade maior é constituída pelos componentes do interior, já que os ocupantes mais antigos do litoral, representados pelo Sambaqui de São Paulo, possuem datação de 7.000 anos e os restantes, até agora localizados, 5.000 mil anos. Apenas nos “Sambaquis” mais recentes – desta era – encontram-se artefatos de pedra polida, além dos fabricados em ossos e conchas. Enquanto

que a cerâmica, no Brasil, é uma manifestação cultural bem mais recente (2.000 anos AP).

A origem do homem e das civilizações americanas

Quais foram os primeiros habitantes da América? Teriam eles surgido e se desenvolvido nesta região? Ou então de onde eles vieram? Essas perguntas começaram a ser formuladas a partir da descoberta do continente americano, e a discussão em torno das possíveis respostas ainda continua.

As teorias a respeito, além de numerosas e antigas, são contraditórias. De fato, quando Colombo descobriu a América, ele e seus acompanhantes ficaram surpresos de que não existissem referências na Bíblia ou em outros escritos sobre a nova humanidade encontrada. Supuseram, erradamente, que fossem habitantes das Índias e os denominaram então de "Índios". A expressão "índios", utilizada até o presente, como bem assinalou Ramos (1943, p.27), ficou como "um símbolo de ignorância sobre a origem dos habitantes do Novo Mundo".

1) *Teorias pré-científicas* – A literatura acerca de teorias deste tipo é volumosa. Explica o homem americano: a) como sendo habitante de lendários continentes desaparecidos (Atlântida, Lemúria, Antártida, etc.); b) tomando por base os escritos bíblicos, como sendo descendente dos filhos e netos de Noé ou das tribos de Israel. Estas teorias, como o próprio nome indica, foram produto de raciocínios sem base científica alguma. A título de exemplo, pode-se mencionar grande lista de autores (P. Las Casas, P. Gregório Garcia, etc.) que, extravagantemente, defenderam uma origem israelita para os habitantes americanos, somente pelo fato de não reconhecerem Jesus Cristo!

2) *Teorias Modernas* – Pertencem a este século, pois, as do século XIX, apesar de melhor concebidas em decorrência da divulgação das teorias evolucionistas de Lamarck e Darwin, foram prejudicadas por preconceitos de origem eurocêntrica, religiosa ou filo-

sófica. As teorias modernas debatem-se entre as hipóteses *monogenistas* (o homem teria se originado num só lugar), e as *poligenistas* (haveria vários lugares de hominização).

Com relação à origem do homem americano, estas teorias dividem-se em *autóctones* (nativos) e *alóctones* (alienígenas ou não autóctones). Ambas subdividem-se em monogenistas ou poligenistas, quer dizer, tanto o autoctonismo como o aloctonismo podem admitir origem única ou múltiplas.

O precursor do autoctonismo monogenista foi o paleontólogo argentino Florentino Ameghino (1854-1911), para quem o berço da humanidade foi a Patagônia, onde teria surgido (o homem) no período terciário. Vários estudiosos aderiram a esta hipótese, inclusive os que divulgaram a “Raça da Lagoa Santa” – Brasil, já mencionada. Hoje, esta tese está abandonada (CANALS FRAU, 1973; MENDES, 1977; PIAZZA, 1983).

Atualmente, possuem bases científicas mais sólidas as teorias alóctones. Do grupo que sustenta o aloctonismo monogenista, destaca-se Alex Hrdlicka (1869-1934). Ele afirmava que os americanos pertenciam a uma única raça de origem mongólica que, vinda da Ásia Oriental, teria ingressado no continente pelo estreito de Bering, quando este se encontrava seco.

Do grupo que defende o aloctonismo poligenista, sobressai Paul Rivet (1960), cujas teorias têm sido as mais aceitas no mundo científico. A partir dos paralelismos etnográficos constatados, Rivet, citado por Canals Frau (1973) e Marconi; Pressoto, (1985), argumenta que existiram quatro migrações para a América (como pode ser observado no mapa 1):

- 1º) *Australiana*, através da Antártida e Terra de Fogo (Patagones);
- 2º) *Malaio-polinésia*, através do Oceano Pacífico (originaram o homem da Lagoa Santa)¹;
- 3º) *Mongólica*, através do Estreito de Bering (orientaram os tipos centro-americanos e ando-peruanos);
- 4º) *Esquimó*, através do estreito de Bering, último grupo a povoar a América (CANALS FRAU, 19673; MARCONI; PRESOTTO, 1985).

Estima-se, hoje, que os primeiros homens teriam chegado à América no final do Paleolítico Superior e que a fase de peregrinação e a interiorização em direção ao Atlântico teria acontecido no início do Neolítico (THOMÉ, 1981).

Na pré-história do Novo Mundo, a arqueóloga americana Betty Meggers (1979) sustenta que podem ser visualizados dois horizontes: o pré-pontas de projétil, representado pelos sítios arqueológicos que carecem de pontas de projétil, mas apresentam abundância de outros artefatos líticos mais toscos e horizonte paleo-índio (ver mapa 02). Este último horizonte de uma antigüidade menor que o primeiro (datado de cerca de 10 mil anos), correspondia a grupos caçadores de grandes animais (cavalos, espécies extintas de visão, etc.). Seus artefatos característicos são as pontas de projétil. Alguns autores consideram os paleo-índios como os primeiros imigrantes da América.

A controvérsia sobre o povoamento original da América ainda existe. Porém, na atualidade, até a obtenção de provas arqueológicas inequívocas, continua fora de cogitação a possibilidade de que o homem americano seja autóctone. Este polêmico assunto liga-se intimamente com a questão da própria evolução das civilizações indígenas americanas. As opiniões a respeito também são divididas. As numerosas e notáveis afinidades existentes entre as culturas do Velho e do Novo Mundo levou a surgir que as primitivas formas culturais americanas produziram-se por influências vindas em épocas remotas, do Velho Mundo.



Mapa 02 Fonte: Adaptado de MEGGERS, Betty (1979, p. 25)

Porém, esta certeza também encontra-se abalada. Se é certo que a difusão cultural alterou o processo cultural de muitos povos, sabe-se, hoje, que muitos desenvolvimentos (como a domesticação de animais e a agricultura) surgiram de forma simultânea e independente em várias regiões do mundo (GUIGLIELMO, 1991).

Sem pretender aprofundar a questão, é apropriado citar que para Canals Frau, eminente etnólogo argentino, as primeiras civilizações indígenas americanas não surgiram por impulso próprio nem foram importadas como um todo do Velho Mundo. Sua formação, pelo menos a nível de área andina (desde o norte do Chile até o México), seria a resultante da conjugação de três fatores: a base indígena preexistente, o aporte polinésio e as inovações produzidas no amalgamar dos elementos culturais díspares. Posteriormente, outras modificações aconteceram devidas ao processo de adap-

tação a novos ambientes dos grupos primitivos e ao aporte ocasional de alguns elementos vindos da Ásia Central.

Na costa andina, teriam surgido os primeiros núcleos polinésio-americanos que dariam origem depois às “altas culturas” (maias, incas, astecas, etc.), das quais hoje temos ainda vestígios (ver mapa 03).

Para estudo da formação dos povos americanos, se reconhece, na comunidade científica, em geral, a contribuição do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro. Com o intuito de elaborar um esquema do desenvolvimento das civilizações americanas, ele procedeu à revisão crítica das diversas teorias da evolução tecnológica, social e ideológica das diferentes sociedades humanas dos últimos 10 mil anos. Desta forma, o processo de desenvolvimento humano foi desdobrado em várias etapas correspondentes ao desencadeamento de sucessivas revoluções tecnológicas (agrícola, urbana, do regadio, metalúrgica, pastoril, mercantil, industrial e termo-nuclear), cujos efeitos se propagam através de um ou mais processos civilizatórios (conforme pode ser observado no quadro da página seguinte).



Mapa 03 - Área de dispersão das civilizações Americanas

Fonte: CANALS FRAU (1973, p. 20)

| Revoluções tecnológicas - caracterização | | | | |
|--|--|---|--|---|
| REVOLUÇÕES AGRÍCOLAS | REVOLUÇÃO URBANA | REVOLUÇÃO DO REGADIO | REVOLUÇÃO METALÚRGICA | REVOLUÇÃO PASTORIL |
| Lavoura Pastoreiro Cestaria Tecelagem Cerâmica | Arados Veículos de Roda Tração Animal Regadio | Comportas e Canais Adubação Esteradas Arulejo Tijolos Porcelana Cobre – Bronze Instr. Metálicos Edificações Prensa Balança Mecros Arq. Monumental Escritura Ideográfica Matemática Astronomia | Ferro Forjado Moeda Cunhada Mó Rotativa Nora, Grua Ferramentas Armas de Ferro Aquadutos Moinhos Hidráulicos Alfabeto Notação Decimal Faróis Marítimos | Cavalaria Frenos Estribes Ferraduras Arnés de Couro Arnés Rígidos Aparelhos Hidráulicos Moinhos Eólicos Alambiques Atalocas |

Fonte: Ribeiro (1979, p. 65)

Com a simples intenção de despertar a atenção pela interessante e abrangente sistematização proposta pelo Prof. Ribeiro, importa, aqui, levantar algumas conclusões acerca do estágio de evolução sociocultural dos primitivos povos latino-americanos em geral, e do Brasil, em especial.

Antes da Revolução Agrícola, por longo tempo, os povos pré-agrícolas americanos viviam em pequenos bandos de coletores de raízes e frutos, de caçadores e pescadores: aprenderam a fabricar instrumentos de trabalho para defesa e ataque, sem terem líderes formais nem estabelecer diferenças sociais. Enquanto que muitos permaneceram nesta etapa, estima-se que em 2500 a.C. irrompe a Revolução Agrícola em algumas regiões da América, desencadeando o primeiro processo civilizatório que, rompendo com a condição de bando de caçadores e coletores, dá lugar a uma nova formação sociocultural: as Aldeias Agrícolas Identificadas (se estratificam em classes econômicas). Essas sociedades reproduziam seu modo

de vida através de economias de subsistência, o que exige a estruturação em tribos, pela necessidade de defesa grupal do território explorado (propriedade coletiva da terra indispensável à lavoura); define-se a divisão do trabalho, inicialmente por sexo (tarefas femininas e masculinas) e aparecem as primeiras diferenciações sociais (chefes e sacerdotes).

| REVOLUÇÃO AGRÍCOLA | REVOLUÇÃO URBANA | REVOLUÇÃO DO REGADIO |
|--------------------------------------|---|---|
| Aldeias Agrícolas Indiferenciadas | Estados Rurais Artesanais | Impérios Teocráticos e Regadio |
| Brasil | Meso-América | |
| MARAJÓARA (1000) TUPINAMBÁ (1500) | UXMAL (-1000) GALINAZO (-7000) Altiplano Andino MOCHICA (-200) Colômbia CHIBCHA (1000) | MAIA (-300) ASTECA (1200) INCA (1300) |

Adaptado a partir de Ribeiro (1979)

Algumas sociedades experimentaram consideráveis progressos (novas técnicas agrícolas, cerâmica, tecelagem, etc.), o que lhes permitiu acumular inovações tecnológicas que possibilitaram alcançar o nível de uma nova revolução: a URBANA. Esta segunda revolução tecnológica ensejou o surgimento das primeiras cidades, da metalurgia do cobre, do bronze, do calendário e da arquitetura monumental, entre outros. Uma nova reordenação impor-se-á na esfera social com o aumento das populações e, conseqüentemente, na esfera ideológica, em dois processos civilizatórios: os Estados Rurais Artesanais de Modelo Coletivista e os de Modelo Primitivista. Na América, esta evolução processou-se lentamente. Se verifica somente em regiões restritas (Meso-América, Altiplano Andino e na Colômbia por volta do ano 1000 a.C.), enquanto que uns povos permaneciam no estágio pré-agrícola e outros no agrícola incipiente.

A terceira e última revolução tecnológica, a de Regadio, atingida pelos povos pré-colombianos, estrutura-se apenas com os Maias

(300 a.C.) e, finalmente, com os Incas e Astecas, provendo as bases para o aparecimento das primeiras civilizações regionais com uma nova e complexa formação sociocultural: a dos Impérios Teocráticos de Regadio.

Em nível de Brasil, encontram-se, à época da “descoberta” pelos europeus, povos de coletores e caçadores (Gês) e outros com uma formação sócio-econômica própria das Aldeias Agrícolas Indiferenciadas (Tupi, Caribe e Aruak); dito de outra forma, povos no estágio pré-cerâmico e grupos de horticultores e agricultores, ceramistas.

Considerações preliminares acerca da pré-história catarinense

Apesar das poucas evidências alocadas por ora, e da necessidade de continuar aprofundando os estudos sistemáticos acerca da arqueologia pré-histórica catarinense, podem ser definidas duas áreas arqueológicas no estado: o litoral e o planalto, que patenteiam estágios culturais diferenciados. Ainda não se sabe se existiram pontos de contato entre ambas, já que a “Serra Geral” coloca-se como barreira montanhosa, difícil de ser transposta até pelo homem atual.

Os grupos humanos pré-históricos do litoral são os responsáveis pelos “Sambaquis” (montes de conchas) e os povoadores do interior, de ocupação mais antiga, seriam os responsáveis pelo fabrico de grande quantidade de artefatos líticos lascados, semipolidos e polidos.

O Prof. Piazza (1983) tenta demonstrar que o povoamento pré-histórico de Santa Catarina estruturou-se em torno das próprias peculiaridades eco-geográficas do estado. Assim:

- A geologia determinou a existência dos sítios-oficinas, como decorrência da abundância de matéria-prima para a confecção do instrumental pré-histórico (exemplo: os sítios do Município de Itapiranga e Sudoeste do estado);

- O litoral, pela fertilidade do solo e abundância de alimentos, condicionou as concentrações humanas, o que explica o grande número de “sambaquis” ali encontrados;

- A hidrografia, com seus “enlaces fluviais” , teriam condicionado os seus processos migratórios;

- As latitudes e a variação de temperatura teriam condicionado o estilo de vida de tal forma que no Planalto, acima de 700m de altitude, encontravam-se com freqüência os abrigos sob-rocha com inscrições rupestres; entre 500 a 700m, localizam-se as casas subterrâneas ou “buracos de bugre”. Já os sítios cerâmicos são rasos no planalto e se registram no alto dos morros, na faixa de 500 a 1000 metros, onde o terreno favorece a sedentarização. A existência de abrigos sob-rocha no litoral e de casas subterrâneas em altitudes baixas em habitat diferente, pode demonstrar apenas o “traço cultural persistente do grupo que a utilizava no planalto” (1983, p. 34);

- O meio ambiente, com seu contexto flora-fauna, difundiu os meios de subsistência. As lagoas e o mar do litoral deram origem a povos pescadores e coletores de moluscos. Enquanto que, no interior, a floresta subtropical do Vale do Uruguai e a flora de araucária, assim como a abundância de animais de porte médio (capivaras, antas, porcos do mato, etc.) e de peixes de água doce, favoreceram o surgimento de povos caçadores e coletores de pinhão;

A exemplo da divisão efetuada em nível de pré-história brasileira, a catarinense pode ser delimitada em dois grandes períodos culturais caracterizados a partir da tecnologia dominante: o Pré-cerâmico e o Cerâmico. As inter-relações entre estes dois períodos não estão bem esclarecidas. Por esta circunstância, tem validade ainda hoje, a autorizada opinião do Prof. Beck (1970, p. 141) quando, se referindo à insuficiência dos dados sobre nossas populações pré-históricas, dizia que dá “a impressão de estarmos lidando com grupos humanos isolados, que não estariam relacionados com os grupos que os precedem e com aqueles que os seguiram”.

Período Pré-cerâmico: É o mais antigo, o mais longo e o menos estudado. Teoricamente teria começado com a entrada do homem no atual território de Santa Catarina, no máximo há dez mil anos. Neste período, encontra-se grande diversidade de tradições culturais, as principais seriam:

- **Alto Paranaense ou Humaitá:** Cronologicamente é a mais antiga conhecida, inclusive em nível de Brasil. Teve uma grande área de dispersão, estendendo-se ao Rio Grande do Sul e à Argentina. Localizada sobretudo no Vale do Rio Uruguai, é encontrada no Oeste Catarinense no município de Itapiranga (24 sítios) e nos municípios vizinhos. É uma tradição lítica, constituída por instrumentos grandes, feitos de pedra lascada sobre o basalto vermelho, conhecida também com o nome “machado de mão”. Outras matérias-primas importantes foram os seixos rolados. Os instrumentos, na sua maioria, são grandes e pesados, como: machados, raspadores, facas, furadores e pontas na forma de folha, que apresentam lascamentos nas duas faces. Os grupos humanos (anteriores ao nosso índio), responsáveis por esta tradição, eram caçadores e coletores que viviam em grutas ou em sítios abertos à beira dos rios, conheciam o fogo e não possuíam escrita. “Seriam entroncados com a família dos Homo sapiens, de grupo mongolóide que surgiu logo após ao homem de Neandenthal” (THOMÉ, 1981 p. 17). Não se conhece ainda qual foi a cultura mãe da alto-paranaense. Alguns autores a vinculam com a área andina. A cultura destes povos é exclusivamente definida por seu material lítico, estudado entre outros por P. Schmitz (citado por PROUS, 1992).

- **Tradições Ponta de Flecha ou Umbú:** Foram encontradas em todo o Estado, porém seus sítios são pouco numerosos e pertencem a mais de uma tradição. As pontas de flechas encontradas no litoral, por exemplo, possuem pedúnculos retos com base entalhadas e as do interior, na área do Alto Vale do Itajaí, possuem pedúnculos expandidos com base côncava. Estas tradições não foram suficientemente estudadas (BECK, 1970).

- **Sambaquis:** Tradição típica do litoral brasileiro e catarinense. Sua datação pelo carbono 14 revela uma antigüidade menor que as outras duas tradições pré-cerâmicas. Estes importantes sítios foram constituídos por povos pescadores e coletores de moluscos que, em número bastante significativo, habitaram o litoral. Nestes casqueiros, além de conchas, encontram-se numerosos artefatos de pedra e de

osso, restos ósseos humanos e, nos mais recentes, utensílios cerâmicos. Nestes restos, de grande valor arqueológico, destacam-se as peças zoomorfas, os chamados zoólitos, escultura em pedra polida, confeccionadas em diabásio, na forma de peixes ou aves. Estas peças também foram encontradas no meio oeste catarinense (THOMÉ, 1981) e a sua procedência ainda é motivo de especulação. Já em 1950, o Pe. Rohr levantava as diversas hipóteses a seu respeito. Na época, este mesmo pesquisador mencionava que alguns autores consideravam os zoólitos como produto dos antepassados do “homem do sambaqui”. Antepassados estes que teriam vindo da zona andina expulsos por um poderoso invasor. Os zoólitos seriam de exclusivo uso cerimonial e remanescentes de uma cultura de grau mais elevado que, na sua peregrinação para o leste, degenerou-se. O autor ponderava que outros autores preferiam opinar que os zoólitos teriam sido obtidos pela permuta de artefatos com povos mais adiantados da área andina. Outro ponto convertido é a origem das inscrições rupestres ou itacoiataras que se encontram tanto no litoral quanto no interior. Estes petroglifos não foram decifrados, nem se sabe ao certo se foram feitos por povos pré-cerâmicos ou por ceramistas; possivelmente sejam de origem Tupi-Guarani (carijó) e os da Ilha de Santa Catarina e os do planalto provenham dos povos do Grupo Gê (ROHR, 1983).

Em certos pontos da costa, encontram-se vestígios de grupos ceramistas superpostos aos “sambaquis”, apresentando uma cronologia mais recente.



Cerâmica de Tradição Tupiguarani: a. corrugado; b. unglazado; c. esmaltado; d. pintado; e. roletado; f. acanalado; g. corrugado - unglazado.

Fonte: RIBEIRO (1977, p. 47)

Período Cerâmico: As principais características deste período são a utilização de uma tecnologia mais avançada na fabricação dos artefatos, a prática da agricultura e a inovação ou introdução da cerâmica.

A técnica da cerâmica consistia na modelagem de roletes de barro, que eram colocados uns sobre os outros e rejuntados, no formato da peça. O acabamento interno e externo era feito a mão

ou com seixos ou folhas de algumas plantas. Às vezes, os recipientes eram decorados plasticamente sob a forma de pontos, traços, ou então pintados. As peças sem decoração são denominadas do tipo simples. Uma vez concluídas, eram colocadas para secar e depois eram queimadas em buracos feitos no chão ou em fornos (BECK, 1970).

Este período é bem recente, entre 800 e 1700. Encontram-se vestígios tanto no litoral como no planalto, na forma de duas tradições: a guarani, de recipientes de tamanhos diversos e com finalidades não apenas utilitárias e diferentes tipos de decoração e a não-guarani, de recipientes pequenos e essencialmente utilitários. Os povos do período ceramista corresponderiam já ao grupo de indígenas encontrados à época da "Conquista do Brasil". Quando os Portugueses chegaram ao Brasil, além de receberem incursões de outros grupos tribais, o território catarinense já era habitado por: Gês e Tupi-Guaranis. Os Tupi-Guarani, chamados de "carijós", no litoral, onde predominavam, eram sedentários, praticavam a agricultura e a pesca. Ao tronco lingüístico Gês pertencem os Xoklengs e os Kaingang.

Os Xoklengs eram nômades, ocupavam as florestas dos vales e dependiam da pesca e da caça para sua sobrevivência, o que os obrigava a fazer incursões, estendendo constantemente os limites de seu território. Encontram-se remanescentes destes grupos na reserva de Ibirama. Os Kaingang ocupavam o planalto, eram seminômades, praticavam uma agricultura rudimentar, completando sua alimentação com pinhão e caça. Os sobreviventes destes indígenas encontram-se aldeados na reserva Xaçecó, localizada no município de Xanxerê. Assim, os povos coletores no estágio agrícola que se localizavam no litoral e nas margens dos grandes rios como o Uru-guai e seus afluentes principais, pertenciam à tradição ceramista Tupiguarani, ao passo que os núcleos menores, encontrados mais no interior, corresponderiam à tradição não Tupiguarani dos Tapuias – Grupo Gê – (PIAZZA, 1979).

Quadro arqueológico regional

Apesar da escassez dos dados arqueológicos disponíveis (uma vez que esses, na sua grande maioria, provêm dos “sambaquis” do litoral, enquanto as que as grutas e abrigos sob rochas têm sido menos estudados), o Prof. Piazza e outros pesquisadores conseguiram estabelecer uma primeira seqüência arqueológica para o estado catarinense, divididas em fases pré-cerâmicas e ceramistas. Para um estudo mais aprofundado e atualizado, ver os relatórios de pesquisa antigos e recentes. Destacar-se-ão aqui somente as fases identificadas em nível de região até inícios dos anos 90.

Fases pré-cerâmicas

Tamanduá: Situada no contexto cultural “alto-paranaense”, ao longo do rio Uruguai. Denominados, na região, de “barreiros” (decomposição de basalto e areias produzido pelas enchentes), sobre os quais se localizam sítios cerâmicos na Tradição Tupiguarani ou não. Três sítios foram escavados ali: dois pelo Pe. Rohr e um pelo Prof. Piazza. É preciso desenvolver pesquisas com novas abordagens para se obter mais dados a respeito e correlacioná-los com outras culturas. Seus vestígios arqueológicos são artefatos de “arenito fritado” (diabásio vermelho endurecido), predominando os raspadores.

Suruvi: Parece preceder à Tradição Tupiguarani ou ser contemporânea dela, no curso médio do rio Uruguai. É constituído por dois sítios- oficinas. Antigüidade estimada : 500 a.C.

Fases cerâmicas

São identificadas como pertencentes às Tradições Regionais ou locais (Xaxim, Ibirama, Araquari, e Pirai) ou como pertencentes à tradição Tupiguarani, de abrangência nacional, alinhada em três subtradições: a pintada (ainda não identificada), a corrugada (Mondaí, Itá, Jurerê, Irapoçu e Guaiúba) e a escovada (Ipira).

Tradição TupiGuarani:

- **Subtradição Corrugada**

Mondaí: Os sítios representativos desta fase localizam-se nas margens do rio Uruguai ou seus afluentes, são sítios-habitação e/ou sítios-cemitérios. Predominam as urnas funerárias com bordas de formas variadas, manufaturadas pelo método de “roletes” ou acordelados. Seu tipo simples denominou-se Mondaí simples e os “cacos” cerâmicos de oxidação incompleta e espessura maior a 2mm, chamaram-se Mondaí Xapecó corrugado, ungulado, digitungulado e pintado. Datação pelo carbono 14, entre 1.460, mais ou menos 70 a.C. (PIAZZA, 1983).

Itá: Os sítios-habitação e os sítios-cemitérios, desta fase, localizam-se na foz do rio Irani ou nos trechos navegáveis dos principais afluentes do rio Uruguai e nas próprias margens deste rio. O tipo simples desta fase foi denominada Itá simples e Itá decoradas: Itá e Uvá corrugado e escovado e Itá ungulado, inciso, nodulado e pintado. Os restos achados se apresentam em diversos tamanhos, desde vasilhames em miniaturas até grandes urnas funerárias. Datação pelo carbono 14, 1.360 mais ou menos a.C. (BRIAN apud PIAZZA, 1983).

- **Subtradição escovada**

Ipira: Os dez sítios também estão localizados nas margens do rio Uruguai e na confluência com o rio Irani. A cerâmica desta fase são vasilhames utilitários e recipientes funerários. Os tipos simples denominam-se Ipira simples e os decorados: Ipira ou Navegantes escovado, corrugado, raspado, pintado (e seus subtipos), Ipira ungulado, inciso e Navegantes vermelho. Esta fase ainda não possui datação radiométrica.

pré-cerâmico e o cerâmico. Ao complexo pré-cerâmico pertenciam à população portadora da chamada cultura Alto-Paranaense (Umbú) e outros grupos com tradição pontas de flecha (Umbú). Em relação a este complexo, as últimas pesquisas realizadas pelo convênio UFSC/ELETROSUL confirmaram a presença de duas tradições culturais, uma relacionada a grupos coletores-caçadores, portadores de uma indústria de blocos – a Alto-Paranaense – e outra de caçadores especializados, com ponta de flecha.

Nas barrancas do rio Uruguai, na região de Itapiranga, encontram-se vestígios dessa cultura que os arqueólogos denominaram de Alto-Paranaense. Como mencionou-se anteriormente, a datação destes restos paleo-índios acusa uma antigüidade aproximadamente de oito mil anos. Seriam estes os primeiros grupos de coletores-caçadores que se estabeleceram no oeste do estado e viveram nas barrancas do alto rio Uruguai (na atual divisa do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) (SCHMITZ, 1975).

Por volta de 4.500 a.C., os portadores desta tradição teriam alcançado "... a foz e o baixo curso do rio das Antas (Mondaí) e Chapecó (São Carlos e Águas de Chapecó) e chegaram a ultrapassar a barra do Irani (Itá) rio acima" (D'ANGELIS, 1989, p.02). A mesma época, outro grupo de caçadores, com tradição pontas de flecha em pedra, distribuem-se pelas bordas da floresta, nos campos e na mata de Araucária (SCHMITZ, 1975).

Segundo alguns autores, entre eles Menghin citado por Schobinger (1969, p.186) "es muy posible que el altoaranaense represente el patrimonio arqueológico de los antepasados más antiguos de los Ge". A respeito do complexo cerâmico, sabe-se que, já no segundo século desta era, os grupos de caçadores-coletores que habitavam a floresta subtropical começavam a praticar uma agricultura de tipo rudimentar, associada à fabricação de cerâmica. Os restos cerâmicos mais antigos datam de 140 d.C. (SCHMITZ ; BROCHADO, 1981).

A fase cerâmica compreende as tradições Taquara e Tupiguarani. A cerâmica Taquara é típica dos índios do Planalto

(Kaingang e Xokleng), é uma das mais antigas para o sul do Brasil. No oeste do estado, é a mais encontrada junto a alguns afluentes do rio Uruguai (ao passo que a tradição Tupiguarani tem sido encontrada nas margens do rio Uruguai). Por volta do século V, apesar dos evidentes contatos inter-étnicos, as antigas culturas de caçadores-coletores das florestas subtropicais e os grupos caçadores da zona intermediária, entre o campo e a floresta, apresentam hábitos ceramistas diferentes.

Sabe-se também que, provavelmente, a partir do século VIII, começaram a chegar os primeiros grupos Guaranis ou seus ancestrais, subindo o rio Uruguai e seus afluentes. Enquanto que, a ocupação humana no atual município de Chapecó data, aproximadamente, do ano 1000 de nossa era (GOULART, 1983). No tempo do “descobrimento”, ocupam o espaço regional os povos portadores dessas duas tradições ceramistas, ou seus descendentes. Poucos duvidam, hoje, que os ancestrais dos índios tenham sido aqueles grupos holocênicos do final da era glacial. Quando o homem “civilizado” chegou a estas paragens, muitas gerações tinham, pois, se estabelecido e deixado as marcas de sua cultura material e da luta pela sobrevivência.

A atual época, com suas profundas e contraditórias transformações, abre, para os habitantes “oestino”, novas fronteiras que exigem o conhecimento do passado cultural. A preservação dos vestígios arqueológicos dos povos pré-coloniais (ou pré-cabralinos) é de fundamental importância para a própria compreensão da trajetória regional.

Do resgate e da necessidade de preservação de nossos sítios arqueológicos

Como deve ter ficado claro ao longo deste trabalho, o espaço habitacional pré-colonial do estado não tem sido, ainda, suficientemente investigado, permanecendo grande parte de seus vestígios desconhecidos. Porém, pior que a falta de estudo científico, é o risco que se corre de perder valiosas fontes documentais:

O processo de destruição de sítios arqueológicos no Rio Chapecó foi violento. A população local por falta de conscientização não tratou de sua preservação, ressaltando nas entrevistas que até alguns anos atrás os vestígios eram abundantes. A utilização do trator na lavoura foi a principal causa dessa destruição e sempre haverá esta lacuna no conhecimento da pré-história de Chapecó (GOULART, 1983, p. 65).

Poder-se-ia asseverar que a própria falta de conscientização da comunidade é o que está provocando a formação destas lacunas “pré-históricas”. Os sítios e os diversos restos arqueológicos encerram rico potencial de informações a respeito. A análise das técnicas de fabricação de artefatos de pedra e osso, dos produtos de madeira e traçados e até os fragmentos de cerâmica, são de fundamental importância para o estudo dos grupos humanos que os produziram. As grutas, os abrigos sob-rochas e os locais de sepultamento são outra fonte de informação. Todos estes vestígios, relacionados no seu contexto e entre si, permitem determinar quem foram e como viviam as sociedades que, no passado longínquo, habitavam a região.

Estas manifestações culturais sofrem constantes vandalismos, uns realizados em nome do “progresso”: como as lavouras mecanizadas, as hidroelétricas e as novas rodovias; outros decorrem de preconceitos ou de equívocos de informação. De forma tal que estes mudos testemunhos do passado, ora são destruídos por considerá-los “coisa de Bugre”, ora por despertar a cobiça de desinformados caçadores de lendários tesouros.

Coordenar as estratégias de valorização, preservação e divulgação científica tem sido um dos imperativos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste da Santa Catarina - CEOM, inserido na Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste – FUNDESTE. O desdobramento de ações, nesta perspectiva, deverá ser efetivado com o auxílio das comissões municipais de coordenação local que o CEOM atende e com as que, futuramente, serão atendidas em outros municípios. Sem dúvida alguma, nesse

empreendimento será necessário o respaldo dos diferentes poderes públicos e das diversas forças societárias. Enquanto isso, as diretrizes de preservação do patrimônio arqueológico precisam ser conhecidas e levadas à prática. Iniciar e manter um processo permanente de reconstrução do passado permitirá visualizar as sociedades pré-coloniais, de onde se partiu. Como também, e, fundamentalmente, onde se quer chegar: à valorização e respeito da nossa pluralidade étnico-cultural, reduzindo as tensões, causadas pelo desconhecimento ou por preconceitos raciais ultrapassados.

Notas

* Artigo publicado nos Cadernos do CEOM, v.2, n.2 (1987), reeditado no v.4 (1989) e em 1995.

** Professora da UNOCHAPECÓ, Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - FURB.

¹A esta hipótese, hoje somasse a do arqueólogo Walter Neves que ao estudar os crânios de Lagoa Santa, afirma a existência de uma população não-mongolóide, com características africanas.

Referências

BECK, Anamaria. Arqueologia em Santa Catarina. In: _____. **História de Santa Catarina**. Paraná: Grafipar, 1970, v. 2.

_____. A variação do conteúdo cultural dos sambaquis. Pesquisas Antropologia. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata**. n. 18, 1968.

BORDES, François. **El mundo del hombre cuaternário**. Madrid: Guadarrama, 1968.

CANALS FRAU, Salvador. **Las civilizaciones pré-históricas de América**. Buenos Aires: Sudamericana, 1973.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Toldo Chimbangue: história e luta Kaingang em Santa Catarina**. Xanxerê: CIMI, 1984.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma História dos Índios do Oeste Catarinense. **Cadernos do CEOM**. Chapecó: v. 4, n. 6, nov. 1989.

DIAKOV, V & KOVALEV, S. **A sociedade primitiva**. 2. ed. São Paulo: Global, 1985.

GOULART, Mariland. **Projeto Arqueológico Uruguai**: Levantamento e escavação de sítios arqueológicos no Município de Chapecó, Santa Catarina; Relatório. Florianópolis: UFSC, 1983.

GUGLIERMO, Antônio Roberto. **A pré-história**: uma abordagem ecológica. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAMING – EMPERAIRE, Annette. **La Arqueologia pré-histórica**. Barcelona: Martinez Roc, 1968.

MARCONI, Maria de Andrade ; PRESSOTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 1985.

MEGGERS, Betty J. **A América Pré-histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MENDES, Josué Camargo. **Paleontologia Geral**. São Paulo: LTC; USP, 1977.

NEVES, Walter Alvea. Assim Caminhou a Humanidade. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 47, out. 1988.

PESQUISAS, Antropologia. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 40, 1985.

PESQUISAS, Antropologia. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 15, 1966.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina: sua História.** Florianópolis: Lunardelli, UFSC, 1983.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: UNB, 1992.

RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira.** Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

RESGATANDO O PASSADO. **Perspectiva Universitária.** v. 14, n. 212, mar. 1987.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Manual de Introdução a Arqueologia.** Porto Alegre: Sulina, 1977.

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório.** Petrópolis: Vozes, 1979.

ROHR, João Alfredo Pe. **Contribuições para a Etnologia indígena do Estado de Santa Catarina.** Separata do Volume 1 dos anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 195.

_____. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC.** v.16, n.17, dez. 1984.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xoklengs.** Florianópolis: Lunardelli, 1973.

_____. **Nova História de Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1974.

SCHMITZ, Pedro Inácio. Arqueólogos em ação na Bahia. **Ciência Hoje.** Rio de Janeiro: 8 (47), out. 1988.

_____. O índio e colonização do Rio Grande do Sul. In: VV AA. **O Índio no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: 1975.

_____. La arqueologia del nordeste argenti y del sur do Brasil em la visión del Dr. Osvaldo F. A. Menglin y de los arqueólogos posteriores. **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia. n.32 , 1981 a.

_____. Arqueologia do Rio Grande do Sul. **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia. n.32, 1981.

_____. & BROCHADO, José Proenza. Datas para uma sequencia cultural del estado de Rio Grande do Sul (Brasil). **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia. n.32, 1981.

_____. Arqueologia do Rio Grande do Sul. **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia. n.32, 1981.

SHOBINGER, Juan. **Pré-história de Suramérica**. Barcelona: Labor. 1969.

THOMÉ, Nilson. **Civilizações Primitivas do Contestado**. Caçador: Imprensa Universal, 1981.

TRIGGER, Bruce G. **Além da História: os métodos da pré-história**. São Paulo: EPU, 1973.

Apêndice 01

Relação dos sítios arqueológicos da região

Relacionam-se, a seguir, os principais sítios regionais mapeados pelas diversas, porém, não conclusivas, pesquisas arqueológicas realizadas nas décadas de 70 a 80, do século XX:

1) Município de Itapiranga

Os sítios deste município foram escavados em 1966, pelo Pe. Rohr. A relação a seguir baseia-se em publicações de 1983.

ITAPIRANGA 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Localiza-se na sede capela em terrenos do Colégio Agrícola. Numa área de 1.500m², “encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica de tradição guarani, dos tipos lisa, corrugada, ungulada, pintada...” (ROHR, 1983 p. 153).

ITAPIRANGA 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Localizado em terrenos do Colégio Agrícola na encosta do morro, a 100 metros do rio Uruguai numa área de 600m². Encontram-se vestígios similares ao do sítio anterior.

ITAPIRANGA 3. Sítio Cerâmico Guarani.

Também localizado em terrenos do Colégio Agrícola. Encontram-se cacos de cerâmica Guarani, inclusive uma urna funerária.

ITAPIRANGA 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Situado nas margens do rio Uruguai, em terrenos de Ervino Spies, sobre a área de 20.000 m². Encontram-se cacos de cerâmica guarani, inclusive duas urnas contendo esqueletos. A quatro metros de profundidade, acham-se raspadores e facas cortantes de diabásio. Na desembocadura do Ribeirão Terezinha, no rio Uruguai, em terrenos de Afonso Spies, encontraram-se numerosos cacos de cerâmica.

ITAPIRANGA 6. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado no rio Uruguai, em terrenos de Silvério Barian e Alfredo Schorr. A cerâmica é de tradição guarani e lascas de ágata e quartzo são encontradas em profundidade de até 2 metros. A 8 metros de profundidade, “encontra-se artefatos de fogueira da cultura alto-paranaense, que foi datada até sete metros e trinta centímetros pelo carbono 14, em oito mil seiscentos e quarenta anos de idade” (RORH, 1983 p. 154).

ITAPIRANGA 7. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do rio Macaco Branco, no rio Uruguai, em terrenos de Wilibaldo Stülp e Inácio Welter. É um sítio extenso: 40.000 m² e rico em material arqueológico cerâmico e pré-cerâmico.

ITAPIRANGA 8. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de linha Baú, em terrenos de Walter Buss, o dono encontrou uma funerária com esqueleto e criança com bracelete de pedras perfuradas e numa vasilha menor um machado semi-lunar polido. Esse tipo de machado parece não pertencer à cultura Guarani, é raro no estado.

ITAPIRANGA 9. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arrojo Baú, na Linha Baú, em terrenos de Edgar Pauls, encontraram-se ossos trabalhados e cerâmica. O dono informou que foram quebradas mais de trinta urnas funerárias no transcorrer dos anos.

ITAPIRANGA 10. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Baú, na desembocadura do Rio Macaco Branco, no rio Uruguai, em terrenos do Ministério da Agricultura, área de 75.000 m², vêem-se manchas escuras no solo com carvão vegetal e cerâmica.

ITAPIRANGA 11. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Santa Terezinha, em terrenos de Waldemar Fuchs.

ITAPIRANGA 12. Sítio Cerâmico Guarani.

Na linha Baú, em terrenos de Lauro Giehl e Germano Rabuske.

ITAPIRANGA 13. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Lorangeiras, em terrenos de Augusto Simon. Além de cerâmica foi encontrado machado de diabásio polido.

ITAPIRANGA 15. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé, em terrenos de Vitor Reis. Na barreira da Olaria, encontra-se farto material lítico muito cortante da cultura Alto-paranaense.

ITAPIRANGA 16. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

No arroio Dourado, em terrenos de Libório Burth: sítio sem prospeção exaustiva.

ITAPIRANGA 17. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de Bruno Berwanger a 1 km do rio Uruguai. Foi escavada grande urna funerária que está exposta no Museu do Homem do Sambaqui (Florianópolis).

ITAPIRANGA 18. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Arroio Fortaleza, em terrenos de Bruno Berwanger. Não se fez prospeção exaustiva. O dono retirou urna funerária.

ITAPIRANGA 19. Sítio Cerâmico de Tradição Guarani.

Na desembocadura dos córregos dos terrenos de Clemente Shonhalls, na Sede Capela. Além de urnas funerárias, o dono encontrou também uma espingarda antiga, da época da invasão dos bandeirantes paulistas às missões jesuíticas.

ITAPIRANGA 20. Sítio Oficina de Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Jaboticabeira, em terrenos de Wunibaldo Kozer, pedreira de diabásio vermelho que foi oficina lítica da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 21. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Fortaleza (Sede Capela), em terrenos da viúva

Ulrich Neffe, foram desenterrados 10 urnas funerárias. Até 1966, a área não tinha sido lavrada, apenas ajardinada, por isso o Pe. Rohr admitia que deveria haver mais urnas funerárias ali.

ITAPIRANGA 22. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu, em terrenos de Aloísio Deves. Amadores retiram umas 10 urnas funerárias, achou-se também uma ponta de flecha pisciforme de diabásio vermelho que pertenceria à cultura “El Inga”, da Gruta da Patagônia.

ITAPIRANGA 24. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu, num córrego, em terrenos de Orlando Pila.

ITAPIRANGA 25. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arroio Vitória, na Linha Chapéu, em terrenos de Breno Barth. Foram encontradas pelo oleiro, “grande número de artefatos cortantes de diabásio, os quais por serem muito cortantes é uma ameaça aos pés dos transeuntes, foram jogados no Rio Uruguai” (ROHR, 1983, p. 159).

ITAPIRANGA 26. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Vitória, em terrenos de Albano Hahn, aparecem urnas e grande quantidade de cacos.

ITAPIRANGA 27. Sítio Cerâmico Guarani.

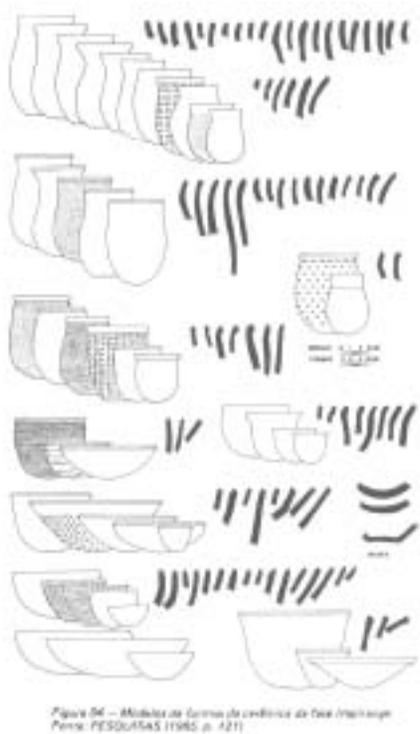
Na Linha Chapéu, em terrenos de Aloísio Deves, sítio de pequenas dimensões.

ITAPIRANGA 28. Sítio Cerâmico Guarani com vestígios da Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Angelo Dellagostinho, encontram-se cacos da cerâmica Guarani associados a artefatos alto-paranaense.

ITAPIRANGA 29. Sítio Cerâmico Guarani com vestígio da Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Aloisio Schafer.



Modelos de formas da cerâmica da fase Itaipiranga

Fonte: PESQUISAS (1985, p. 121)

ITAPIRANGA 30. Sítio Cerâmico Guarani.

Também em terrenos de Aloisio Schafer acham-se esparsos cacos de cerâmica e lascas cortantes de ágata.

ITAPIRANGA 31. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de José Telavid.

ITAPIRANGA 32. Sítio Cerâmico Guarani.

A 500 metros do Rio Uruguai, na Sede Capela, em terrenos

de Bernardo Arnhold, cacos de cerâmica afloravam na superfície.
ITAPIRANGA 33. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Bernardo Schonhals, encontram-se cerâmicas e machados polidos de tradição Guarani, associados com artefatos lascados alto-paranaense.

ITAPIRANGA 35. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Atalibio Ritter.

ITAPIRANGA 36. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu, em terrenos da viúva Jacob Barth.

ITAPIRANGA 37. Sítio Cerâmico Guarani

Na Linha Chapéu, em terrenos de Inácio Poersch, cacos de cerâmica e um machado polido.

ITAPIRANGA 38. Sítio Cerâmico Guarani.

Em terrenos do Pe. Adolfo Friedrich na desembocadura do Arroio Santa Fé, foram encontrados urnas, polidos, mão de pilão, etc.

ITAPIRANGA 39. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arroio Santa Fé, em terrenos de João Scmitz, encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e artefatos de uma outra cultura pré-histórica.

ITAPIRANGA 40. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na linha Santa Fé, em terrenos de Wilibaldo Wolfabrit, encontram-se algumas urnas. Numa delas, em 1966, o Pe. Rohr dizia "encontra-se exposta no terreiro da casa do sitiante servindo de recipiente para folhagens" (1983 p. 162).

ITAPIRANGA 41. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé, em terrenos de Bertoldo Wolfalvt. Sítio que oferece restos de ambas as culturas, porém foi muito trabalhado pela lavoura.

ITAPIRANGA 42. Sítio Arqueológico de Tradição Guarani.

Na localidade de Ervalzinho, em terrenos de Oto Lauschener. O sitiante encontrou na superfície centenas de contas de pedras azuis e verdes na “estrada dos bugres”, além de outros vestígios Guaranis (oito tembetás de pedra branca, pingentes de pedra, etc.).

ITAPIRANGA 43. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Glória, em terrenos de João Antônio Guariente e Pedro Tomazi, na desembocadura do Rio Peperi. As informações referem que grande número de urnas foram quebradas pelo arado do agricultor.

ITAPIRANGA 44. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense

Na Linha Glória, em terrenos de Turibio Rodrigues e Romeu Franke.

ITAPIRANGA 45. Sítio Cerâmico Guarani

Na Linha Glória, em terrenos de Albino Rodrigues Oliveira, na desembocadura do Peperi, Pe. Rohr admitia que pudesse haver urnas funerárias intactas, pois o terreno em 1966 ainda não havia sido arado.

ITAPIRANGA 46. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Glória, em terrenos de Eriges Jones, a 1,5 km do Rio Peperi, o terreno foi pouco trabalhado pelo arado e pode haver urnas funerárias.

ITAPIRANGA 47. Sítio Cerâmico Guarani

Na Linha Glória, em terrenos de Avelino dos Santos, encontram-se alisadores e cacos de cerâmica. Poderão ser encontrados ainda urnas intactas.

ITAPIRANGA 48. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Glória, em terrenos de Samuel Freitas. "O sitiante, à semelhança do povo em geral da região, anda com a cabeça cheia de idéias vagas de tesouro dos jesuítas, decorrentes da proximidade da região missioneira" (Rohr, 1966; 1983).

ITAPIRANGA 49. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense

Na Linha Glória, em terrenos de João Borba, encontram-se restos guaranis associados a vestígios alto-paranaenses. Uma serie de urnas foram quebradas sistematicamente por um agregado do dono das terras em busca de tesouros.

ITAPIRANGA 50. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Também na Linha Glória em terrenos de Ervino Hahn.

ITAPIRANGA 51. Sítio Cerâmico Guarani Associado à Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Baú, em terrenos de Miguel Faht, sítio rico e pouco destruído pelo trator (1966).

ITAPIRANGA 52. Sítio Cerâmico Guarani associado à Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Pacifico, do lado de um córrego no Rio Peperi-Guaçu, em terras de Miguel G. Alves de Oliveira.

2)Município de Mondai

MONDAÍ 1. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Ervas, na desembocadura de um córrego no Rio Uruguai, em terras de Reinaldo Krein. Em área de 30.000 m², encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal, cacos de cerâmica guarani e artefatos alto-paranaense. Foram retirados três vasos de cerâmica, um tinha ossadas.

MONDAÍ 2. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na localidade de Castros, em terras de José Afonso Gabriel. Entre numerosos vestígios de ambas culturas os donos entregaram ao Pe. Rohr, uma urna que durante 40 anos foi usada como vaso de folhagens.

3) Município de Caxambú do Sul

Os três sítios, a seguir relacionados, foram pesquisados pelo Pe. Rohr, em 1968 e publicados em 1983.

CAXAMBÚ DO SUL 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, encostado no rio Uruguai, em terras de Renato de Oliveira Ramos. Foram encontrados cacos de cerâmica, dois tembetás (“pedra do lábio”) e o sítiante quebrou cinco urnas com o arado.

CAXAMBÚ DO SUL 2. Sítio Cerâmico Guarani

Na localidade de Volta Grande, encostado no rio Uruguai, em terrenos de Osvaldo Stobi. Além de pontas de Flechas, há numerosos cacos. O dono revela ter quebrado com o arado mais de uma dúzia de urnas, servindo como vasos de folhagens... (ROHR, 1983 p. 166).

CAXAMBÚ DO SUL 3.

Na localidade de Volta Grande, a 2 km do rio Uruguai, em terras de Waldemar Marafon. Num lajeado de diabásio de 10m² vêem-se inscrições rupestres na forma de desenhos de mãos, pés e animais estilizados. “Caçadores de Tesouro dinamitaram a rocha, abrindo um poço de dez metros de profundidade” (ROHR, 1983, p. 166).

CAXAMBÚ DO SUL 4. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, nas terras de Floriano Fistarol, onde os garimpeiros José Hauser, Horlí Hauser e Brigídio Hanhes escavaram “durante 90 dias em busca de uma estátua, cheia de barras de ouro, cravejada de diamantes” de posse de um mapa “do

tesouro” que, segundo alegaram, teria pertencido a Antônio Polio, que recebeu por herança dos padres jesuítas.*

4) Município de Águas de Chapecó.

Também pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr e publicado em 1983.

ÁGUAS DE CHAPECÓ 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Lambari, encostado ao Rio Uruguai, em terras de Virgílio Arboni, encontram-se manchas pretas com carvão vegetal, restos cerâmicos e dentro das urnas funerárias foram achados três pingentes de zoolito branco.

5) Município de São Carlos

Pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr, publicação de 1983.

SÃO CARLOS 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Encostado ao Rio Chapecó, em terras de Balduino Schmitz. Além de carvão vegetal, conchas fluviais, cacos de cerâmica e flechas de sílex, encontram-se 3 urnas com restos ósseos humanos.

SÃO CARLOS 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Rio Chapecó, no Rio Uruguai, em terrenos de José Serafin Margen. “O sitiante, ao lavrar a terra, destruiu grande número de urnas funerárias, sem se preocupar em recolher as mesmas” (ROHR, 1968:1983 p. 167).

SÃO CARLOS 3. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao Rio Uruguai, em terrenos de Angelo Piccini, encontraram-se cacos, vasilhas, urnas de cerâmica Guarani e a 5m de profundidade, restos líticos alto-paranaense.

SÃO CARLOS 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao rio Uruguai, em terrenos de Rich Lüdgar Schauer mann, encontram-se cerâmica guarani e instrumentos da cultura alto-paranaense. O dono encontrou uma urna com caveira humana.

6) Município de Chapecó

As notícias de onze sítios localizados no município de Chapecó foram extraídas do relatório intitulado “Projeto Arqueológico do Município de Chapecó” (1983), realizado pela equipe da Prof. Mariland Goulart da UFSC, em 1980, em convênio com a ELETROSUL e a própria Prefeitura de Chapecó. Sete dos sítios identificados, localizam-se ao longo do Rio Uruguai – área 1 e quatro na área 2, estando três situados próximos ao Rio Chapecó CH. Estes sítios apresentam grande número de material cerâmico de Tradição Tupiguarani.

Área 1 – Rio Uruguai

SC-UU-01- CLUBE REFÚGIO CAMPESTRE

Na Linha Carne, na barranca do rio Uruguai, a 200m da escola local e próxima a desembocadura de uma sanga. Ocupa área pequena de 50m X 50m. Na superfície encontrou-se grande quantidade de cacos cerâmicos e material lítico.

SC-UU-02- NÉLCIO DEL PIZZA

No Porto Chalana, a poucos metros do rio Uruguai. O sítio encontrava-se coberto por roça de milho com inços e os restos estavam na superfície.

SC-UU-05- ABÍLIO DAL PIVO

No Porto Chalana, a 200m de uma sanga e a 10m de uma lagoa. Sobre a mancha preta, o dono encontrou uma mão de pilão e a 200m uma boleadeira; foram dadas à equipe da UFSC.

SC-UU-06- FRANCISCO VAILONES

Localizada em Cachoeira – Beira Rio, a 120m do rio Uruguai. O Sítio foi bastante destruído pela lavoura de milho. Apresenta cacos cerâmicos da Tradição Tupiguarani.

SC-UU-07- SEBASTIÃO BONNES

Na cachoeira – Beira Rio numa área de 2.000m² a 150 metros do Rio Uruguai. O sítio foi localizado onde estava sendo feito um campo de futebol, quando a equipe chegou só haviam cacos de cerâmicas. No local cultivava-se também milho, feijão e soja.

SC-UU- ARAMI DANIELI

Na Cachoeira – Beira perto do Rio Uruguai. Na área era feito o cultivo de soja e milho e os restos cerâmicos encontraram-se na superfície.

Área 2 – Rio Chapecó

SC-CH-03- PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

Na localidade de Sede Figueira, localizam-se galerias subterrâneas cilíndricas com quatro bocas de entrada, de um metro e meio de diâmetro escavadas na rocha por grupos primitivos. Foram cadastradas pelo Pe. Rohr em 1979.

SC-CH-04- JOSÉ FIORI

Na Linha Espuma, próximo a uma sanga que desemboca no Rio Chapecó. Ocupa uma área onde há plantação de milho e soja. Foi cadastrado em 1978 pelo Pe. Rohr e a equipe da UFSC mais material cerâmico. O solo é uma mistura de argila vermelha com terra escura.

SC-CH-09- ALCIDES MORATELLI

Na Linha Espuma, a 300 metros do Rio Chapecó. Existem vestígios de terra preta, o solo é areno-argiloso avermelhado; O sítio

está próximo do SC CH 10 e do SC CH 04. Encontrou-se um recipiente cerâmico e dois machados.

SC-CH-10- JOSÉ COSTENARO

Na Linha Cachoeira, Beira Rio, a 80 metros do Rio Uruguai. O relevo é acidentado, outrora revestido por mata araucária, apresenta hoje restos de plantação de milho. Em 1979, o arado fez com que aflorassem cacos. A prefeitura de Chapecó, tomando conhecimento da descoberta, solicitou a colaboração da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e equipe da Prof. Goulart. Iniciaram os trabalhos de escavação em setembro de 1980.

- Delimitadas duas áreas arqueológicas (Mancha 1 e Mancha 2), procedeu-se a sua escavação sistemática por meio da técnica de decapagem. A área Mancha 1, pelo seu valor, foi indenizada ao proprietário, pelo prefeito da época.

Achou-se grande quantidade de material cerâmico afiliados à cultura Tupiguarani. Num total de 5.185 fragmentos, 35,90% são do tipo corrugado-ungulado e 26,51% do tipo liso; os outros tipos cerâmicos apresentam uma ocorrência menor. A espessura de maior frequência está entre 7 e 15mm, tanto nas peças funerárias e/ou uso doméstico. As urnas são de altura variável (de 40cm até pouco mais de um metro). Deviam ser utilizadas para sepultamento primário (o defunto era colocado na urna após a morte) ou para enterramento secundário (o cadáver era sepultado primeiro na terra e tempo depois seus ossos eram colocados nas urnas) de crianças e de adultos. Esta prática, “pode ter sido uma forma de satisfazer o desejo de dar aos mortos um sepultamento digno e respeitoso” ou então uma forma “de preservar os cadáveres da sua destruição imediata” (GOULART, 1983, p. 64).

Na época da publicação do relatório final dos trabalhos desenvolvidos no município, não se tinha datação deste sítio pelo carbono 14. Estima-se, porém, pelas datações de sítios semelhantes, que a ocupação humana nesta área deu-se aproximadamente no ano 1.000. Os trabalhos de escavação deste sítio deveriam prosse-

guir igual ao levantamento feito ao longo de todo o Rio Uruguai, pois a equipe da UFSC, apesar de ter recebido informações sobre a existência de outros sítios, além dos já mapeados, não os visitaram, devido à exigüidade do tempo disponível.

Apêndice 2

Glossário

O presente vocabulário foi elaborado tomando, principalmente, como base o glossário apresentado por Ribeiro (1977) e Mendes (1977).

- **Abrigo sob rocha:** local arqueológico, formados por paredões rochosos, com uma parte projetada para fora (espécie de techado natural), ocupados ocasionalmente. No planalto catarinense são freqüentes, em todos eles encontram-se sepultamentos.

- **Acordelado:** Técnica de confecção de cerâmica que consiste em superpor roletes de pasta de comprimento variável, em sentido circular, até construir a parede do vaso. Mais de 90% da cerâmica do sul do Brasil foi confeccionada com esta técnica.

- **Antropologia:** (*Anthropus*, homem; *logos*, estudo) Ciência que estuda o homem na sua evolução psicossomática e cultural. A dimensão biológica do homem é estudada pela Antropologia Física; a dimensão sócio-cultural do homem é estudada pela Antropologia social e cultural, respectivamente.

- **Arqueologia:** Ciência cujo projeto de estudo são as sociedades humanas através da recuperação e classificação da cultura material. Segundo o período da evolução humana que se estuda, subdivide-se em arqueologia pré-histórica, histórica (ou mais recentemente, pré-colonial).

- **Artefato:** Qualquer objeto manufaturado pelo homem.

- **Autóctone:** Aborígene, habitante natural de uma terra.

- **Camada:** Superposição de estratos, de composição natural ou artificial.

- **Camada de Ocupação:** Camada com evidência arqueológica.

- **Carbono 14:** Ou radiocarbono isótopo radioativo do carbono comum (C-12) que se encontra nas plantas e animais numa determinada proporção. Com a morte dos organismos, essa proporção modifica-se devido à desintegração. Após 5.730 anos, a proporção cai para a metade. Determinar a proporção com o C-14 e o C-12 permite calcular a idade do material analisado. Esse método permite calcular idades até 70 mil anos, com pequena margem de erro.

- **Casa Subterrânea:** Local escavado em forma de poço, com dimensões variáveis, provavelmente recoberto, utilizado como habitação.

- **Caverna:** Local arqueológico coberto, onde a distância da boca ao fundo é maior que a altura e do que a largura. Conhecida também como gruta.

- **Cerâmica:** Recipiente artesanal feito de barro queimado.

- **Corrugado:** Tipo de decoração cerâmica em que, depois da colocação de cada rolete, este é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, executadas com as pontas dos dedos, em sentido perpendicular ou transversal ao vaso. O corrugado unglado é a associação de unglagens a corrugações.

- **Cultura:** Conceito que engloba bens materiais (objetos e técnicas) e dimensões imateriais (crenças, conhecimentos, aptidões, normas, valores e símbolos).

- **Decoração Plástica:** É aquela que implica em modificação da superfície cerâmica em tipos como: corrugado, unglado, escovado, etc.

- **Digitado:** Tipo de decoração em que se fixam, na superfície cerâmica, as extremidades dos dedos.

- **Escavação:** Trabalho sistemático em um sítio.

- **Escovado:** Tipo de decoração cerâmica que consiste em passar um instrumento com pontas múltiplas ou áspero (sabugo de milho, por exemplo), que deixando sulcos bem visíveis nas superfícies, guardando certo paralelismo entre si.

- **Etnografia:** Estudo e descrição dos povos indígenas históricos, sua língua, etnia religião. Disciplina integrante da etnologia.

- **Etnologia:** Estudo dos grupos humanos e sua cultura.
- **Etnologia Pré-Histórica:** Reconstituição da vida dos povos arqueológicos, já extintas.
- **Fase:** Qualquer complexo cerâmico, lítico e de padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios. A fase é uma fração de tradição. É um termo livre de conotações etnográficas, e, portanto, não implica em significação tribal ou linguística alguma. Exemplo: Fase Botucaraí de Tradição Tupiguarani. São distintas em tempos diversos.
- **Inciso:** Tipo de decoração plástica que consiste em incisão praticada por meio da extremidade aguçada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões.
- **Indústria:** Conjunto de artefatos, de restos materiais. Quando ao conhecimento de uma indústria, se acrescenta o de aspectos como a arte, é lícito, arqueologicamente falando, usar o termo cultura.
- **Mutações:** Modificações impressas num indivíduo, em consequência de anormalidades ocorridas nos seus genes ou nos cromossomos de suas células e por isso tornam-se hereditárias.
- **Pasta:** Barro e antiplástico (tempero) misturado para a confecção de cerâmica.
- **Paleontologia:** Ciência que estuda restos fósseis de animais e vegetais que vieram antes dos tempos históricos. É auxiliada pela Geologia e a Biologia. Subdivide-se em três grandes ramos: Paleobotânica, Paleozologia e Paleoecologia (estuda ambiente e hábitos de vida dos animais e vegetais pré-históricos).
- **Petróglifo:** Desenhos gravados em rocha, podendo ser coloridos ou não.
- **Pré-história:** Na América, período compreendido entre o aparecimento dos primeiros homídeos e o contato com o conquistador europeu, segundo alguns escritores, ou até surgimento de culturas "urbanas" (incas, astecas, etc).
- **Proto-história:** Tempo em desuso, usado para referir-se aos anteriores aos "brancos".

- **Roletado:** Tipo de decoração que consiste em conservar os roletes de confecção do vasilhame, sem alisar a superfície externa.

- **Sambaquis:** Montes de detritos (conchas, outras, etc), nos quais se encontram artefatos de barro e de pedra, ossadas humanas e animais, etc. Assentamento de sociedades primitivas, que se verificam em toda a zona litoral brasileira.

- **Simplex:** Cerâmica sem decoração.

- **Sítio-acampamento:** Local de permanência temporária.

- **Sítio arqueológico:** Local onde se encontram vestígios de culturas antigas ou extintas. Utiliza-se também denominação de sítio arqueológico de campo aberto, para diferenciá-lo do abrigo sob rochas ou das cavernas.

- **Sítio-cemitério:** Local onde se encontram apenas evidências de enterramentos primários ou secundários.

- **Sítio-oficina:** Local onde foram encontradas evidências de fabricação de artefatos.

- **Tradição:** Trata-se de um abstração e generalização feita por arqueólogos para agrupar artefatos e hábitos de manufaturados. Grupo de elementos ou técnicas de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc, que se distribuem com persistência temporal, num ou mais sítios, exemplo: Tupiguarani, Taquara, etc.

- **Ungulado:** Decoração composta por incisões produzidas pelas unhas sobre a superfície cerâmica.

- **Urna Funerária:** Vasilha utilizada para enterro.

- **Vasilhame:** Todas as peças de recipiente de cerâmica.

- **Zoólitos:** Pedras esculpidas, preferencialmente em basalto, em forma de animal; geralmente apresenta esboço de cruz.